

**O SUJEITO PÓS-MODERNO A PARTIR DA FIGURA DO
FLÂNEUR E DO HOMEM DO SUBSOLO EM A *FÚRIA DO CORPO*, DE
JOÃO GILBERTO NOLL**

Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho¹

RESUMO: Em *A fúria do corpo*, João Gilberto Noll propõe uma narrativa em que ocorre o aparecimento de fatos na medida em que há a tentativa de seu apagamento por meio de uma constante negação. No presente estudo, propomos dois pontos de análise: a cidade como espaço de movimento das personagens, a partir da figura do *flâneur*; e a noção de homem do subsolo nessa obra do escritor. Para o desenvolvimento do trabalho, apoiamos-nos em produções de Benjamim (1989), Dostoiévski (2011), Souza (2010), entre outros. Argumenta-se que há na obra a ficcionalização do espaço e do sujeito, característicos da pós-modernidade, levado pela desilusão com a organização social, que induz à perambulação pelo espaço urbano, demonstrando a condição humana como algo sujeito à fragmentação.

Palavras-chave: *A fúria do corpo*; *Flâneur*; Homem do subsolo.

**POST-MODERN SUBJECT FROM THE FIGURE OF *FLÂNEUR* AND HOMEM DO
SUBSOLO IN A *FÚRIA DO CORPO*, BY JOÃO GILBERTO NOLL**

ABSTRACT: In *A fúria do corpo*, João Gilberto Noll proposes a narrative in which occurs the appearance of facts in that there is an attempt to its erasure by means of a constant denial. In this study, we propose two points of analysis: the city as the characters move space, from the *flâneur* figure; and the *homem do subsolo* (underground man) notion that the writer's work. For the development study, we support in productions of Benjamin (1989), Dostoiévski (2011), Souza (2010), among others. It is argued that there is in the work the fictionalization of space and subject characteristic of postmodernity, led by disillusionment to the social organization, which leads to wandering the urban space, demonstrating the human condition as something subject to fragmentation.

Keywords: *A fúria do corpo*; *Flâneur*; Homem do subsolo.

¹ Estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Estudos Literários, na Universidade Federal do Piauí.

Hoje, nesse momento em que percebo que lembrar é assegurar de alguma forma a vida, embora não deva, não queira, lembrar não, compreendo enfim que vale a pena ter vindo até aqui e que estar vivo é uma espécie de rebelião contra essa sina de se ir puxando a vida como quem puxa a corrente inesgotável de uma força que nos excede. (NOLL, 2008, p. 13)

1 Introdução

A fúria do corpo, obra originalmente lançada em 1981, é o primeiro romance publicado por João Gilberto Noll, sendo o de maior extensão e marcado pela intensidade com que trabalha com temáticas concernentes à tendência pós-moderna no Brasil, opondo-se à hegemonia realista do romance no país e demonstrando uma intenção metafísica, como afirma o próprio autor em entrevista concedida em 2013. A obra é caracterizada pela descentralização do sujeito, a solidão existencial e o abandono do sujeito errante, que passa toda a história perambulando pelas ruas da Cidade, o Rio de Janeiro, sempre referida com o C maiúsculo, na tentativa de absolutização do espaço urbano, marco da fragmentação do sujeito contemporâneo sobre o indivíduo errante, que tem a Cidade como sua casa.

O livro não possui um sumário, a história inicia abruptamente e continua em fôlego incessante em longos parágrafos, reiterando uma característica das obras pós-modernistas, identificadas, entre outros aspectos, pela estrutura não convencional. O narrador inicia o romance com uma espécie de apresentação, mas de onde ele mesmo escapa, refletindo sobre a metamorfose de ser quem é, sempre passível a mudanças, sujeito que nega o passado e, junto com ele, qualquer normatização social que ameace a liberdade do seu comportamento; abdica-se, ainda nas primeiras linhas, do passado, e se reconhece a impossibilidade de conhecer o próprio eu interior:

o meu nome não. vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. [...] Não me pergunte pois idade, estado civil, local de nascimento, filiação, pegadas do passado, nada, passado não, nome também: não. Sexo, o meu sim: o meu sexo está livre de qualquer ofensa, e é com ele-só-ele que abrirei caminho entre eu e tu, aqui. (NOLL, 2008, p. 9)

A possibilidade de contar uma história no lugar onde distingue como “aqui”, o contorno narrativo, sem qualquer suspeita de quem poderá ser, abre caminho para uma liberdade ilimitada. Confundido e mesclado com qualquer um, o personagem passa a narrar negando perguntas sobre o passado, ao mesmo tempo em que o reconstrói por meio da

linguagem e a consagração de sua existência ao contato com o outro. Da negação de um passado à descrença de um futuro, resta contar algo que transpareça a saciedade de um prazer imediato, feito por meio do sexo.

No decorrer da narrativa, a vida do personagem é contada por meio dos outros, apesar da negativa inicial, descobre-se muito sobre, se não a verdade de sua vida, situações ocorridas na sua relação com o outro, seja na figura de Afrodite, o “Eu do mundo” (NOLL, 2008, p. 99), “a minha sina” (NOLL, 2008, p. 134), seja por meio do menino, de quem “precisava da companhia” (NOLL, 2008, p. 53), ou Camila, ou o velho, ou o pai, e tantos outros personagens com quem pôde se relacionar. Todos esses corpos, de alguma forma, habitam a Cidade, relacionam-se. Tomando-se o corpo como um dos pontos para compreender o romance, percebe-se que, antes de qualquer outro lugar, os personagens habitam seus próprios corpos, por meio dele se reconhecem como sujeitos no mundo, no entanto, aparecem de maneira fragmentada.

Para buscar a compreensão da natureza do que é contado, recorre-se à figura do *flâneur*, como sujeito que perambula pela cidade e vê nela a sua casa, no caso da obra, para além de um observador, o narrador torna-se também uma vítima. Utiliza-se também a noção de Homem do Subsolo, de Dostoiévski (2008), e a apreensão feita por Duque-Estrada (2009) desse homem para tratar da questão da autobiografia, entendendo a figura do narrador como esse sujeito que decide escrever suas memórias reconhecendo-se como subproduto da sociedade.

2 A perambulação pela Cidade ou quando ela se torna casa

Na obra, a cidade aparece como uma personagem da narrativa, é entre os muros, casas e instituições que se delineiam as andanças das personagens. O narrador quase nunca aparece sozinho, sempre apresentado como dependente da companhia de outro indivíduo que se mostre tão marginal quanto ele, Afrodite assume esse papel, acompanhando-o rumo a lugares que eles mesmos não conseguem definir: “Estamos na cidade, não estamos? Há muito não sabemos o que fazer das nossas vidas, praqui-prali, sem termos ao menos a ideia se o pouso desta noite virá pior que o de ontem. Praonde ir? Respondo que por enquanto a gente não sabe.” (NOLL, 2008, p. 24)

Em sua perambulação pela Cidade, o narrador assemelha-se ao *flâneur* apresentado por Walter Benjamin (1989) a partir das perspectivas de Baudelaire e Edgar Allan Poe. Em Baudelaire ele é o observador que encontra na rua a sua morada, vagando sem rumo: “entre as

fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes.” (BENJAMIN, 1989, p. 35) O *flâneur* é o sujeito caracterizador do ambiente urbano, observa as paisagens com curiosidade e perambula como forma de identificar o passado, não necessariamente o seu, mas de acompanhar a vida de todos aqueles que se encontram ao seu redor. Em *O Homem da Multidão*, de Poe, ele assume ainda a feição de investigador ou de um lobisomem irrequieto, parte de uma selva social.

O *flâneur* não se deixa enganar pelo cientificismo e racionalismo como os geradores do progresso. Isso tudo é apenas uma ilusão que em nada atenua a miséria social. A figura do *flâneur* transmite uma espécie de saudosismo, uma visão negativa do progresso e do mercado como algo que, ao trazer o lucro, acaba gerando perdas sociais. Esse personagem torna-se uma forma de contar a história do ambiente urbano sob outra perspectiva, não se submetendo ao mundo burguês. Ele é o questionador e aquele que é suprimido, pois é apenas o que restou como resistência ao progresso; e a cidade é a sua casa, mas também o lugar onde começa a se sentir estranho diante das mudanças.

É importante ressaltar que, em Baudelaire, a figura do *flâneur* surge em um contexto de mudanças da Paris do século XIX, modificações estruturais na cidade comandadas por Georges-Eugène Haussmann, prefeito de Paris no período de 1853 a 1870, que a transformou no modelo de metrópole moderna, entendendo a especificidade histórica daquele momento para a cidade. Baudelaire poetiza uma Paris imaginária, reconstrói um mundo em transformação, traz ao leitor a presença da multidão e a necessidade de integrar-se a ela a partir do gosto pelo disfarce.

Assim, o escritor assume a função do poeta a partir da sensibilidade com que capta determinada conjuntura histórica, para Pesavento (2002, p. 101), “Identificando com todos os sofrimentos, prazeres e tipos sociais, ele [o poeta] é dotado de imaginação, esta capacidade de ler além da superfície das coisas e de traduzir as sensibilidades de uma ficção múltipla.” Dessa forma, Baudelaire, ao criar o *flâneur* em sua produção literária, transmite a esse personagem uma subjetividade construída em sua vivência para além do texto literário, sendo o próprio poeta uma espécie de *flâneur* que, apesar de vir de uma família burguesa, passou por diversas dificuldades financeiras e também dificuldades de adaptação ao ambiente em constante mudança em que viveu. A cidade narrada por Baudelaire é marcada pelos seus contrastes, em sua poesia ele traz a figura dos burgueses e dândis, mas também de mendigos e prostitutas que ganham as ruas, trabalhadores cansados, como também ladrões e crianças abandonadas. A cidade, dessa forma, é múltipla, variada, em constante movimento e processo de transformação,

e um dos personagens que a habita, o *flâneur*, lamenta por não poder transformar-se junto com ela, tornando-se um estrangeiro ou prisioneiro desse lugar.

Do mesmo modo, em *A fúria do corpo*, Souza (2010, p. 40) identifica a cidade narrada como uma prisão para as personagens:

Além do espaço no qual se desenrola a ação do enredo, a cidade da obra, marcado com maiúscula, é a Cidade, personagem que interfere do desenrolar da narrativa, sujeitando todos os outros personagens às condições impostas na vivência do mundo urbano. [...] A Cidade aprisiona os personagens em seu labirinto de ruas de concreto e delinea o ritmo no qual a narrativa se desenvolve, fremente e incessante, atropelando as ações que não seguem esse ritmo e relegando-as às margens da narrativa, apagando-as da escrita que se quer sempre frenética.

Assim, vistas como presas ao espaço em que estão inseridas, a perambulação das personagens faz com que elas se tornem vítimas da cidade. Elas são identificadas como pertencentes às margens sociais, o narrador, apesar de já ter pertencido a um mundo abastado, vê-se em estado de desilusão, indo para as ruas e fazendo delas sua casa. Afrodite é uma prostituta, mercadoria entre as mercadorias, seu corpo é tudo que possui e torna-se serva dos próprios desejos e vontades; ela busca a inutilidade das coisas e a cidade é o campo fértil para essa busca. Negando se submeter à racionalidade do espaço urbano, o prazer é o seu guia, e os contrastes da Cidade estimulam os desejos das personagens, aguçando sua sensibilidade para proporcionar o trânsito entre vários espaços e situações.

Há o momento do desespero e reconhecimento do modo difícil de conseguir dinheiro na cidade, ao serem ameaçados de serem despejados do apartamento vem o momento da pior decadência para o narrador, a prostituição, justificada por Afrodite: “– Estamos sendo despejados do apartamento e é impossível encontrar tantas picas nesses próximos dias pra que a gente possa pagar os aluguéis atrasados.” (NOLL, 2008, p. 117) Assim, o corpo para os dois se torna o único subsídio existencial, no sentimento externado pelo narrador:

Eu nunca tinha sido tão puto nesse sentido mais ortodoxo da palavra. Puto, ter dado o buraco que tinha em troca de grana, o comprador fez do meu rabo o que bem entendeu, enfiou nele a pica dura, poderia ter enfiado um porco-espinho e eu não poderia reclamar, o comércio é assim, eu estar ali era trabalho, o trabalho cada dia mais difícil na Cidade, entre estar num escritório com ponto batido quatro vezes ao dia e dar o cu não havia dúvida: dar o cu; o cu legítimo, não o cu figurado e sordidamente eufemístico que damos pela vida afora até morrer [...] (NOLL, 2008, p. 107)

Apesar de reconhecer o que fez negativamente, o narrador sabe haver outras possibilidades, mas elas seriam se entregar à rotina do espaço urbano e às suas regras racionalizantes, prostituir-se é optar por manter certa liberdade. Envereda pela prostituição como caminho mais rápido para conseguir o que deseja, unindo a busca pelo prazer imediato da reunião de dois corpos e a necessidade de conseguir dinheiro.

Ao mesmo tempo em que o narrador se descobre como fruto e vítima da cidade, mais se entrega a Afrodite, criando-se uma relação de dependência. Na maioria das situações ele precisa dela, do seu corpo, do seu trabalho, das suas palavras. Quando desiste da prostituição, mais necessária é Afrodite para sua existência, mas não apenas isso unia os dois:

Vejo Afrodite no clarão: bela Afrodite! – meu coração confessa – mais uma vida e Afrodite seria ainda o motivo, mais uma vida e Afrodite seria ainda a ruína e esplendor: dela as flores mais silvestres brotam como por encanto, por encanto eu viro amor, por encanto aceito a vida em toda a sua miséria. (NOLL, 2008, p. 218)

Tomando Afrodite como o motivo de tudo, oferece a ela o papel preponderante para a sua perambulação pela cidade. Há momentos de ódio, de amor, há outros em que ela desaparece, tornando-se uma sombra de uma vida passada, ao que outro personagem assume o seu lugar: o menino, figurando o centro da narração de uma cidade violenta, e sob o degredo escondido atrás de morros e doenças. Com o menino, o sexo continua como elemento propulsor do movimento narrativo, para Souza (2010, pp. 32-33), é uma relação precível, um motivo para continuar pelas cidades, sintoma da falta de um objetivo e necessidade de atrelar-se a alguém.

O narrador e Afrodite, em seu caminho pela Cidade e pela sua relação com o mundo social, podem ser confundidos com a figura do *flâneur*, que em determinado momento vê-se perdido, mas também com o estranho, na acepção de Bauman, como sujeito errante que vive no contrafluxo da sociedade, sendo visto como uma espécie de ameaça à ordem do Estado. Assim como o *flâneur*, aparece como um desajustado e, ao mesmo tempo em que é fadado à extinção, sobrevive sempre como minoria e problema para o Estado, mas eles são também “um autorretrato da sociedade com um sinal negativo”. (BAUMAN, 1998, p. 52)

Em *A fúria do corpo*, as personagens se mostram como este retrato ainda mais degradado, e temem aqueles que os desprezam, mas eles incomodam, seguem trilhas diferentes das dos outros, mas sempre causando o desconforto, porque eles são a prova dos males sociais. Diferente do *flâneur* e do estranho, que ainda mantêm um mínimo de dignidade, o degredo e a

relação abjeta nas ruas de maneira mais acentuada marcam as personagens desse romance. Para Ros (2008, p. 90),

Se por um lado, então, podemos identificar no ritmo desse narrador uma afinidade com o *flâneur*, por outro devemos considerar sua mútua disparidade. A correspondência rompe-se ao tentarmos contrapor à imagem do parisiense do século XIX (deambulando entre bulevares), a imagem do mendigo do século XX, sujo, em andrajos, defecando pelas reentrâncias da urbe, dormindo no duro concreto, nos becos imundos, em qualquer lugar. Se a *flânerie* é já, como considera Benjamin, um afastamento da norma, o andarilho de Noll, cabe-nos observar, leva-o ao paroxismo e, diga-se de passagem, atingindo um inequívoco estado de degradação, de depauperamento do seu par francês.

Desse modo, as andanças do narrador constroem passagens grotescas, ao passo que o caráter curioso do *flâneur*, apresentado por Benjamin, reitera uma poesia presente na observação da Cidade e seus contornos de mudança frente ao progresso nascente. Mas, um dos aspectos que permanece, é a reflexão sobre a vivência do que está na margem e o enfoque à outra história. A poesia no romance, como algo que guarda um sentimento sublime, não está na relação com a Cidade, está na relação do narrador com Afrodite, misturando-se ao desejo intenso: “sei que me perderei no seio dela, só o nosso amor incrustado nessa desolação fermentará a cada dia mais o seu encanto e nada nos faltará, nem mesmo este pão que reparto agora com ela aqui metidos num beco imundo entre dois prédios [...]” (NOLL, 2008, p. 11).

Assim, os dois personagens vivem durante o que parece ser muitos anos, até nascerem os cabelos brancos e desejarem uma esperança distante da Cidade, em um campo ilusório que o desejo cria, mas que não se concretiza. No fim, a Cidade sempre foi e continuará sendo a sina dos dois: “Afrodite inclina a cabeça e me olha toda compadecida, me confessa quase em sussurros que a tia do Sul nunca existiu, nem muito menos um mato pra onde ir, nada, estamos ilhados na Cidade” (NOLL, 2008, p. 269). Contrariando o que poderia ser o fim de qualquer esperança, a perambulação dos dois continua, e um final feliz é delineado pelo amor que o narrador sente por Afrodite.

3 O Homem do Subsolo em *A fúria do corpo*

No decorrer de toda a obra não há qualquer certeza de que o passado contado pelo narrador é uma verdade, ele se utiliza de uma memória para reconstruir diversas situações. Sob o anonimato e a ambiguidade da linguagem literária, escolhe falar do seu degredo, que é

também o degrado de diversos sujeitos marginalizados. Não há a busca pela subjetivação, apesar da primeira pessoa, ao contrário, ele se mostra sempre como dependente de um outro e em nenhum momento sabemos onde de fato ele está, aparecendo e esvaecendo sob a pluralidade da construção narrativa.

Observa-se que grande espaço de tempo passa no transcorrer da narração, com memórias que são contadas para se livrar de um passado que mantém o narrador vivo. Ele não transmite o seu objetivo ao escrever as memórias, esconde o próprio nome ao mesmo tempo em que autoriza ser nomeado como tudo que é instável, coloca-se ainda como possuidor de uma revelação quando se diz consagrado a João Evangelista: “Ao consagrar-se ao apóstolo das revelações, o narrador-personagem traz na sua narrativa a linguagem da profecia, a promessa da revelação.” (SOUZA, 2013, p. 12), a revelação sobre si mesmo em conflito com o mundo. Ele é também um Lázaro, na impossibilidade de sua morte nos contornos narrativos: “Sou morto sim. Mas vivo ainda, como a fruta que se transforma no viveiro de bichinhos e vai expelindo aí o derradeiro furor da vida em sua carne mortuária.” (NOLL, 2008, p. 191)

Aparecendo como um homem conformado com seu presente/futuro, o qual não conhecemos, recolhe excertos do passado que acabam criando um enredo simples com delineações complexas, dada a dificuldade de se relacionar a uma realidade compreensível. A sujeira das ruas, a violência contra os maltrapilhos, o desejo compartilhado em becos e ambientes fétidos fazem parte de uma linguagem que se quer crua, na construção de situações que externem a condição fisicamente miserável em que se encontram as personagens. Se alguém deseja ou não ouvir as memórias contadas, pouco importa, o certo é que elas carregam a vida, como conta o narrador no trecho que serve de epígrafe deste trabalho, e por isso devem ser exteriorizadas. Para Souza (2013, p. 45):

As lembranças que surgem nas sínopes do narrador-personagem tecem um painel pouco nítido de sua infância sufocada pela educação religiosa do internato, que usualmente reprime pela noção do pecado cristão, e da adolescência marcada por desgraças familiares como o suicídio do primo e a morte do pai, ser errante pela busca do homem que fora um dia e que a arteriosclerose apartou do mundo.

O passado mais distante do narrador é recuperado entre os seus delírios, em que ele se volta para a juventude e recompõe diversos fragmentos de sua vida, quebrando a narrativa focada em um passado mais recente e/ou presente. Sua opção por abandonar a antiga vida parece, além da iminente loucura, uma escolha subversiva para não se deixar levar pela rotina, que de qualquer maneira o levaria à morte, uma ainda pior, dada a invalidez de sua vida para

ele mesmo caso se submetesse ao cotidiano: “o que me restará senão o marasmo doméstico dessa rede de papéis estipulados?: de casa à escola, da escola ao escritório, do escritório à aposentadoria, e desta para a cova, sem atinar que outro poderia ser meu destino” (NOLL, 2008, p. 240). A escolha é pelo imprevisível, pelo durável na medida da experiência vivida.

Afrodite é a parceira perfeita para o único objetivo externado pelo narrador: evadir-se da rotina, pois ela é sábia, conhece como nunca se deixar levar pelo cotidiano, pois por meio de seu corpo sempre constrói uma história nova. Seguindo Afrodite, o narrador coloca-se em posição de uma passividade moral, pois as escolhas são dela; ele apenas segue sem responsabilidade sobre si. Assim, todas as suas ações são legitimadas e, se algo não é lógico, cabe a Afrodite o encargo.

O narrador de *A fúria do corpo* assemelha-se ao homem do subsolo, apresentado por Dostoievski na obra *Notas do subsolo*. No abandono de sua casa, tomando Afrodite como sua guia e vivendo sem crenças em um futuro, demonstra consciência de sua condição de homem que vive em degredo. O personagem de Dostoiévski conserva a arrogância em um texto repleto de humor e sátira, em que se dirige ao leitor como um ser mais limitado do que ele, e por isso mantém certa didática ao falar sobre assuntos do consciente (solo) e subconsciente (subsolo) humano.

Produto da Rússia czarista do século XIX, coloca-se como portador de grande consciência sobre si e o mundo, o que lhe parece uma doença. Sabe que deve permanecer inerte, pois qualquer tentativa de mudança será fracassada diante da “falência do ideal revolucionário de transformar a Rússia numa sociedade moderna” (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 59). Apesar de definir-se como superior, nada o coloca como merecedor de qualquer admiração, ao contrário: ele é mau, mesquinho, amargurado, suas memórias são escritas com a mais pretensa verdade, para que o vejam tão miserável quanto possível. Assim, questiona: “Por acaso um homem com consciência pode ter algum respeito próprio?” (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 15), a resposta está em toda a obra, em que sua busca por prazer encontra-se na humilhação, na dúvida, na vingança por ódio, na procura por uma característica que justifique sua inércia, mesmo que seja a preguiça ou outra coisa que não seja nobre.

Dessa forma, o narrador deleita-se em reconhecer a impossibilidade da mudança dele mesmo, se ele se faz bom ou mau agora não importa, o importante é comprazer-se da ideia de que a mudança, mesmo que necessária, não irá chegar, e nenhum esforço será feito para alterar isso:

Explico-lhes: o deleite aqui derivava precisamente da consciência excessivamente clara de minha humilhação; de que você sente que já chegou ao derradeiro limite; que isso é detestável, mas também, que outra coisa é impossível; que você já não tem saída, já não pode mudar. Mesmo se ainda restasse tempo e fé para se transformar em algo diferente, provavelmente você mesmo não iria querer se transformar; e, se quisesse, ainda assim não faria nada, porque talvez não houvesse no que se transformar. (DOSTOIEVSKI, 2008, p. 10)

Essas constatações também estão presentes para o narrador de *A fúria do corpo*, que, ao mesmo tempo em que afirma que não sabe quem é, conserva a certeza de *ser* (NOLL, 2008, pp. 208-210). Em um de seus delírios, reconhece a natureza finita da vida humana: lamentavelmente ele habita um corpo fadado à decomposição e destruição pelo tempo. A consciência lhe chega trazendo sofrimento, e também chega à conclusão de que está em estado de humilhação, e a solução é a inércia:

Então sou esta coisa inútil aqui em decomposição? O Tempo me consome e é só isso? Órfã de qualquer sentimento de mim, tento ainda reagir, mas nenhum gesto é possível e nem sequer idealizar o ato eu posso: sim, sou deteriorada e pretérita, sou passada, resta-me assim o me encravar à terra na mais fatal ignonímia. (NOLL, 2008, p. 211)

Assim como o narrador de João Gilberto Noll, o narrador de Dostoiévski em nenhum momento menciona o seu nome, em ambos a liberdade narrativa leva a pensar em uma verdade, pois, atrás do anonimato, nada têm a perder; o romance torna-se palco para a confissão e para a penitência das personagens. Além disso, ambos têm um leitor referente, o “tu”, em Noll, e o sarcasticamente “senhores”, em Dostoiévski, que são utilizados como um dos motivos para escrever as memórias, mesmo que ele não exista ou ainda não tenha chegado. Em análise da obra de Dostoiévski, Duque-Estrada (2009, p. 64) afirma que:

[...] o leitor aqui é, antes, o momento especular em que a escritura dobra-se sobre ela mesma, pulverizando as frágeis certezas que até então vinham sendo tecidas, multiplicando dúvidas e interrogações, provocando mudanças de rumo na narrativa e sugerindo possibilidades de se tecer novas e frágeis certezas.

Assim, mesmo sem uma existência alcançável, o leitor também possui uma participação, ele interfere indiretamente nos contornos da narrativa. Para o narrador de *A fúria do corpo*, como sujeito, negar sua identidade ao leitor, ao mesmo tempo em que lhe oferece liberdade, impõe também uma responsabilidade diante da forma que dará à sua narração, pois a verdade do passado lhe será exigida, já que ele pode ser confundido com tantos outros sujeitos característicos da sociedade pós-moderna, fragmentados e cientes de sua fragmentação.

Ao rememorar o seu passado, constata duas verdades que reiteram que não há outra vida fora da Cidade: (1) não se pode mais viver naquele lugar e condição; (2) não se deseja verdadeiramente sair dele. Isso se torna perceptível especialmente quando surge a possibilidade de sair da Cidade, como mencionado no tópico anterior. Assim como o homem do subsolo de Dostoievski enxerga a prisão quando habita o subsolo, o narrador de *A fúria do corpo* percebe sua prisão na Cidade, e vê a si mesmo como alguém diferente por não se conformar ao cotidiano do homem comum, levado pela razão em seu aspecto sufocante.

A liberdade, para o narrador e também para Afrodite, é não se sujeitar ao comum; entregando-se às ruas, o degredo estará sempre presente, mas, para amenizar isso, surge um novo elemento para a narrativa: o Carnaval chega para os dois e é o momento de se livrar de toda a miséria, porque “tudo que se realiza no Carnaval é ausente do corpo cotidiano: todo o mistério do Carnaval se reduz à sua efemeridade” (NOLL, 2008, p. 167). A festa das fantasias traz para todos o avesso da normalidade e provoca a inversão dos costumes sociais, é a festa da mentira e a ocasião em que os outros se aproximam da realidade às avessas em que vivem o narrador e Afrodite, porque nesse período tudo é permitido. Quando ele acaba, os dias e as pessoas ressurgem como antes: “o sol surgindo cor de maravilha do fundo do mar e anunciando a Terça-Feira-Gorda último dia da Festa, quando o Carnaval expira e tudo volta à insanidade normal” (NOLL, 2008, p. 186). A insanidade é viver conforme um mundo racionalizado e que tenta dissipar as possibilidades de questionamento e mudança que, afinal, se esgotam também para o narrador. A diferença fundamental é que ele resiste, apesar de sua impotência para promover uma transformação; a resistência ao racional é ainda o que lhe dá alguma disposição.

Ao final da obra, sobra apenas a certeza de que nada se modificará, não podendo evadir-se da Cidade, tudo caminha para acontecer novamente sem que cesse a união dos corpos do narrador com o de Afrodite, ou o amor e sexo que alimenta a relação. A fúria e a resistência também não cessarão, ou mesmo o desejo de romper as certezas do mundo vivendo sob a miséria da Cidade. O sujeito apresentado na obra permanece com uma identidade heterogênea e fragmentado, ao passo que qualquer alicerce – razão, religião, vida – não está mais articulado com o seu *ser* no mundo. Estando como um subproduto da sociedade, assim como o homem do subsolo, resta-lhe somente a sua inércia para o mundo.

4 Considerações finais

Em *A fúria do corpo* são apresentadas diversas características do sujeito pós-moderno por meio do narrador da história, que recolhe fatos de sua vida reconstruindo

experiências e relações com diversos personagens. São eles que trazem em sua configuração um pouco daquilo que faz parte da sua história do narrador, sendo eles os verdadeiros construtores da sua vida, já que ele se deixa guiar a fim de encontrar a vida distante da realidade castradora de sua infância e adolescência.

Na construção narrativa, João Gilberto Noll busca se dissociar da imagem do romance voltado para a realidade e demanda social, característico da Literatura Brasileira, estruturando sua obra em volta de um personagem e o questionamento existencial que permeia a mente do narrador, que mostra certo enfado com a vida ao mesmo tempo em que busca vivê-la intensamente para se livrar da insanidade da vida racionalizada do mundo moderno.

Colocado como subproduto da sociedade, a Cidade torna-se sua casa e todos os seus movimentos são regidos pela relação que possui com esse espaço, do qual se sente ao mesmo tempo como pertencente e excluído. A concepção que demonstra do mundo reflete a desilusão com as organizações sociais controladoras, que lhe devoram o encantamento levando-o a questionar a validade de uma vida entregue às instituições que evidenciam o progresso. Em sua relação com a Cidade, opta pela perambulação e entrega de sua vida àqueles que possam lhe levar a algo novo e mostrar-lhe que, ao sentir e habitar o próprio corpo, o espaço urbano transforma-se em extensão da sua natureza humana. Relembrar as experiências, os questionamentos sobre sua condição e afirmar a relação com Afrodite como a verdadeira vida, é o modo como demonstra a sua rebelião e insatisfação com uma vida vazia dela própria, quando a entrega à razão e normalidade do mundo suga a verdadeira existência do sujeito.

Retornando à epígrafe, não importa a extensão da degradação sofrida, a memória externada mostra que cada experiência e confronto com o mundo valeu a pena. O narrador reconhece que sua opção, sendo ou não fruto de uma loucura, e embora não provoque transformações, foi certa. A relação do narrador com a figura do *flâneur*, sujeito característico do século XIX, mas que muito pode contribuir para a compreensão da organização social contemporânea, e do homem do subsolo, questionador e amargurado com a sociedade, serve para reiterar características do sujeito pós-moderno, que há muito vêm sendo percebidas pelos mais diversos autores e épocas, mesmo não intencionalmente.

Na figura do *flâneur* para caracterizar o narrador, o foco é sua relação com a Cidade, a metrópole cambiante na qual o sujeito já não consegue se adaptar. Assim como esse personagem na Paris oitocentista interage com o ambiente urbano, e vê nele a possibilidade de observar e refletir sobre as mudanças neste espaço, e como levam a consequências na vida dos homens, o narrador de *A fúria do corpo* também vê-se como parte das ruas e prédios e todos os

contornos da Cidade, pois ela é sua casa. No entanto, há essa Cidade real, presente e confusa, que se sobrepõe a uma imagem passada e saudosista da memória no narrador.

Na relação com o homem do subsolo, eleva-se a consciência sobre tudo que já foi observado e vivenciado, e a desilusão chega a um ponto em que se torna claro que, embora tudo ao seu redor almeje por mudanças, não são suas atitudes que irão provocá-las. Assim, ele pratica atividades clandestinas e subversivas apenas para seu próprio deleite, convivendo com a fragmentação do mundo e sujeitos da pós-modernidade. Em nenhum momento ele se conforma com o mundo racional, mas sabe que não pode transpô-lo, o subsolo em que se coloca é fruto do reconhecimento de que a consciência, o solo do bom-senso e da lógica do mundo, é mais um despropósito do que algo que possibilite a vida que esse narrador deseja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar à prisão. In: _____ *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. pp. 49-61.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: _____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989. pp. 185-236.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. *Notas do subsolo*. São Paulo: L&PM Pocket, 2008.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. O homem do subsolo. In: _____. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/ Editora PUC-Rio, 2009. pp. 59-72.

MOREIRA, Carlos André. *João Gilberto Noll fala sobre seus livros e reflete sobre sua carreira na quarta entrevista da série 'Obra Completa'*. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/08/joao-gilberto-noll-fala-sobre-seus-livros-e-reflete-sobre-sua-carreira-na-quarta-entrevista-da-serie-obra-completa-4222510.html>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris*, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

ROS, Adrianna Meneguelli da. *A fúria do corpo na contramão do fluxo: a prosa de João Gilberto Noll*. 2008. 191f. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Francisco Renato de. *A fúria do corpo, de João Gilberto Noll, sob o signo da Santíssima Trindade: errância, sexo e escrita*. 2010. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. O nome do contemporâneo, em A fúria do corpo, de João Gilberto Noll. *Darandina Revisteletrônica*. Juiz de Fora, v. 6, n. 2, pp. 1-14, dez. 2013.

Recebido em: 15-11-16

Aceito em: 13-12-16